

Idade da reforma vai subir para os 66 anos e 11 meses em 2027

PENSÕES A idade da reforma vai subir para os 66 anos e 11 meses em 2027, segundo confirmam os dados da esperança de vida publicados pelo INE. Este valor é superior em dois meses ao de 2026, que tinha já subido dois meses em relação a 2025. Em 2024, tinha-se mantido inalterado, nos 66 anos e quatro meses.

Excedente da Segurança Social em máximos

CONTAS O excedente da Segurança Social atingiu um máximo de 6.657 milhões, em 2025, mais 1.062 milhões do que em 2024, a beneficiar de um crescimento da receita efetiva superior ao incremento da despesa. Excluindo também o efeito do PRR, obter-se-ia um saldo ligeiramente superior, situando-se em 6.672 milhões.

Trump vence batalha judicial sobre voto por correio

EUA Um juiz federal americano recusou bloquear a ordem executiva de Donald Trump que endurece as regras do voto por correio, numa derrota para o Partido Democrata, que alegava que a medida poderia afastar milhões de eleitores das urnas. A decisão surge a poucos meses das eleições intercalares de novembro.



Israel suspende relações com António Guterres

GUERRA Israel suspendeu relações com o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, anunciou o embaixador israelita na ONU, denunciando a decisão, ainda não pública, de incluir Israel numa lista negra relacionada com violência sexual em conflitos. «Chegámos ao fim com este secretário-geral», disse Danny Danon no X.

MAÇERDO
SOL

ÚLTIMA HORA

	NORTE	CENTRO	SUL	ACÓRES	MADEIRA
Sábado	23 15°C	29 16°C	33 21°C	20 17°C	23 17°C
Domingo	25 15°C	29 16°C	36 24°C	21 17°C	25 17°C



► José Eduardo Moniz As asas do passado



OPINIÃO

Em Portugal, apregoeira-se muito o desenvolvimento e o progresso, mas basta dar um saltinho a Espanha, a qualquer cidade de dimensão média, e percebe-se imediatamente o fosso entre o que se promete e o que se faz. As marcas do imobilismo português são cada vez mais visíveis. O que se passa com o aeroporto de Lisboa não é só lastimável. É desleixo e incompetência. Trata-se da plataforma de saídas e entradas que mais movimento gera no País. Rebenta pelas costuras. Toda a gente sabe. Já houve debates e mais debates sobre o que fazer, análises e mais análises, estudos sobre estudos e ainda mais estudos. A verdade é que con-

tinuamos no ponto zero, a ouvir anúncios bombásticos e desculpas rasteiras.

As discussões e projetos sobre o novo aeroporto da capital amontoam-se, sem que saíamos do mesmo sítio.

Prefiro soluções práticas que garantam funcionalidades adequadas do que obras megalómanas. A Portela mais um, complementar, sempre me pareceu uma questão de bom senso. Do ponto de vista financeiro, ajustada às reais capacidades nacionais. Numa perspectiva operacional, capaz de resolver problemas de curto e médio prazo, descongestionando tráfego, preservando conforto mínimo aos utilizadores, até se perceber as implicações de uma infraestrutura completamente nova e a exigir investimentos avultadíssimos.

Os desígnios da política e dos seus agentes nem sempre se compaginam com o que o bom senso recomenda. Continua-se a pensar, por estas bandas, que os portugueses adoram projetos megalómanos, em vez do conforto, comodidade e rapidez que modelos práticos e ajustados a tempos novos lhes possam trazer.

Nem os mais velhos, hoje em dia, são tolerantes com a ineficácia e com iniciativas que, em última análise, acabam no reforço da pressão que o Estado, sempre insaciável, exerce sobre o seu bolso.

A paciência das pessoas tende a esgotar-se a cada Governo que passa e a

cada eleição que se realiza, perante a tolerância com a ineficiência, com a inconsequência e com o adiamento sistemático de decisões, sob os pretextos mais variados.

O desinteresse dos mais jovens pela política e as alterações que o seu sentido de voto tem conhecido, em cada eleição, são diretamente proporcionais ao descrédito que os agentes políticos vão sofrendo, enclausurados que estão nos círculos onde julgam residir o poder, em resultado do desgaste que o divórcio das palavras, por um lado, e da ação, por outro, provoca. Nesse sentido, a política nacional move-se num círculo fechado e autotático, no qual não se vislumbra qualquer grande abertura à esperança. Nesse contexto, a indiferença e o desencanto tendem a prosperar, com as consequências inevitáveis na forma como os cidadãos percebem o trabalho daqueles a quem entregaram o seu voto. Os ciclos cada vez mais curtos de governação são apenas um sinal. Eventos como o das buscas a sedes do Partido Socialista (independentemente de quem é visado), desencadeada ontem, só contribuem para desacreditar a nossa democracia, lançando a desconfiança sobre deputados, autarcas e governantes.

O aeroporto de Lisboa é símbolo da inércia de um país que passa mais tempo a fazer diagnósticos do que a

resolver problemas e o caos que, no controlo de estrangeiros, reina em torno de todos os aeroportos nacionais, a demonstração da irresponsabilidade da cultura do deixar andar. Com a época áurea do turismo à porta grita-se 'Aqui D'El Rei', como se ninguém tivesse culpa de nada. É o costume.

Para um jovem em busca de futuro, aterrar num qualquer aeroporto europeu é ter um choque de realidade. A cultura representa o mundo velho e estagnado, que ele não quer. É a imagem que não ambiciona para a sua vida. Assim, não admira que o talento emigre.

NOTAS SOLTAS:

1. Curioso para ver como António José Seguro e Luís Montenegro vão conseguir coabitar. Os primeiros sinais que chegam de Belém é que o Presidente quer ter voz. Paz pode é o que se avizinha.
2. Pedro Passos Coelho não cede. Há um espírito messiânico que parece já afilado. Está indubitavelmente à espreita da oportunidade. Suspeito que nem ele próprio sabe bem qual. Para já, ergue a voz, sem travão. Contra o que existe. Impaciência é o mote. Falta de paciência também parece ser o que o move.
3. Parabéns ao Torreense. David bateu Golias. De Torres Vedras veio a demonstração de que ser pequeno não constitui condenação. Tal como os homens, os países não se medem aos palmos.

Queen's, Indochina e Blues Café já foram demolidos

Obras na zona seguem a todo o gás.

A zona histórica de animação noturna das Docas de Alcântara, em Lisboa, está a entrar numa nova fase. Os antigos espaços associados a bares e discotecas emblemáticas, como o Indochina, Kings & Queens ou Blues Cafe, que marcaram a noite lisboeta nas décadas de 1990 e 2000 já estão no chão. De pé está apenas o Dock's, que se encontra atualmente rodeado por tapumes e sinalização oficial de obra, indicando o avanço de um processo de reabilitação urbana.

A promotora identificada nos painéis é a Placer, que apresenta publicamente um projeto denominado 'The Wake', localizado

precisamente na frente ribeirinha de Alcântara, envolvendo a reconversão de antigos armazéns portuários para escritórios e espaços de utilização contemporânea.

Ao SOL, o Porto de Lisboa esclarece que «as intervenções ocorridas em alguns espaços da frente ribeirinha resultam de processos de gestão do domínio público devidamente enquadrados, relacionados, designadamente, com o termo de títulos de utilização, condições das infraestruturas ou necessidades de requalificação dos espaços». E garante que cada situação «é analisada individualmente, em articulação com as entidades competentes, não existindo uma definição transversal para todos os espaços



referidos». Qualquer solução futura, acrescenta, «dependerá sempre do cumprimento dos procedimentos concursais e pareceres legalmente aplicáveis».

No projeto disponível na internet, ao lado do Dock's aparecem outros edifícios semelhantes, o que faz parecer que o mítico espaço será para manter. O Porto de Lisboa refere isso: «Relativamente ao Dock's, não existe qualquer decisão tomada que permita antecipar cenários futuros».

E adianta ainda não ter definida «qualquer estratégia de substituição de discotecas por hotéis ou outras tipologias específicas, procurando antes assegurar uma gestão equilibrada e compatível com a valorização da frente ribeirinha e o interesse público».

Recorde-se que, durante décadas, a zona foi um dos principais polos da noite lisboeta, concentrando bares, restaurantes e discotecas que atraíam milhares de pessoas todos os fins de semana.

Temido reconhece direitos de Leonor

Marta Temido admitiu na AR a criação de um mecanismo extrajudicial de indemnização das vítimas de reações adversas às vacinas covid-19. «Está nas mãos do legislador estabelecer um mecanismo diferente daquele que existe neste momento, em termos de responsabilidade civil», considerou a antiga ministra da Saúde. Essa poderá ser uma resposta para casos como o de Leonor Reis, criança de 14 anos que ficou com paralisia cerebral. Mas o próprio PS fecha a porta à sugestão. «O ordenamento jurídico português já prevê os meios de indemnização em caso de dano», declarou a deputada do PS Sofia Andrade. Já o PSD garante que «o Estado vai continuar ao lado dos cidadãos, cada vez que haja uma consequência grave da vacinação», afirmou a deputada Isabel Fernandes.